17ª MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO de Santo André

JM
Jornal da Mostra
2016

1 a 26 de Junho

V. N. SANTO ANDRÉ
SANTIAGO DO CACÉM
SINES
PORTO COVO
ODEMIRA
S. TEOTÓNIO
GRÂNDOLA
ALVALADE
V.N. MILFONTES
FARO
BEJA
SETÚBAL

AJAGATO
ASSOCIAÇÃO JUVENIL AMIGOS DO GATO
GRUPO AMADOR DE TEATRO DE SANTO ANDRÉ
CAP Alda Guerreiro, 7500-160 V. N. Santo André
T. 269 759 096, F. 269 759 098, geral@gatosa.com

JORNAL DA MOSTRA

17ª MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO de Santo André

AJAGATO
Associação Juvenil Amigos do GATO

Centro de Actividades Pedagógicas
Alda Guerreiro
7500-160 Vila Nova de Santo André
Telf. 269759096
Fax . 269759098

geral@gatosa.com
www.gatosa.com

DIRECTOR
Mário Primo

DESIGN GRÁFICO
Pedro Dias

TRADUÇÃO, EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS
Ana Nunes
Jacira Lopes
Mário Montes
Mário Primo

FOTO DE CAPA
© Paolo Nani

IMPRESSÃO
100Luz

PATROCINADORES GERAIS

PATROCINADORES DE ESPETÁCULOS

COLABORAÇÃO E APOIOS

CAPAG | SITANK | MOVEIS FERNANDES
STAND OS PUTOS

EXTENSÕES DE ACOLHIMENTO

SANTIAGO DO CACÉM | SINES | PORTO COVO
ODEMIRA | S. TEOTÓNIO | GRÂNDOLA
ALVALADE | V.N. MILFONTES | FARO | BEJA
SETÚBAL

Há quem não saiba que gosta de teatro!

A Mostra de Teatro de Santo André continua a ser necessária porque as pessoas o exigem, porque algumas aprenderam a gostar de teatro com ela e porque muitas outras ainda não sabem que gostam de teatro e descobrem-no em cada nova edição.

17 Mostras consecutivas com assinalável sucesso é um património significativo, tanto mais que um festival de teatro consistente não surge do nada, mesmo quando existe por detrás uma vontade política e a capacidade financeira para o realizar, porque ele é sobretudo a festa da comunhão do público com as obras e com os seus criadores.

De facto, a Mostra emergiu há 17 anos na Escola Secundária de Santo André fruto de uma forte dinâmica teatral que já tinha transposto há muito a vedação escolar e contagiado a população e o Meio. Daí para cá, cresceu em dimensão, em ambição e em qualidade, refazendo-se e aperfeiçoando-se com os sinais do público. A Mostra cresceu na afluência de espectadores às salas de espectáculos e na sua exigência crítica, mas também no reconhecimento e respeito das estruturas de criação, nacionais e estrangeiras, por este esforço de promoção do teatro junto de largas camadas da população com excelentes resultados, ano após ano melhorados.

Mas um festival precisa de ter a possibilidade de crescer e de se desenvolver porque as expectativas dos espectadores e dos próprios promotores crescem sempre mais à medida que se avança.

Ninguém duvidará que a Mostra é um caso de sucesso artístico em Portugal! Mas apesar do quadro de mudança da conjuntura nacional que estas últimas eleições nos trouxeram, continua a ser muito difícil concretizar actividades desta natureza. A cultura continua na primeira linha do "supérfluo" onde a falta de investimento tem um impacto menor na opinião pública. Não havendo uma grande capacidade de resistência e convicção dos promotores culturais e também uma boa dose de paixão e "loucura", que por vezes se confundem, projectos como a Mostra dificilmente podem planear o futuro a médio prazo e muito menos crescer e desenvolver-se, apesar de todos os indicadores de sucesso que possam apresentar. Resta, portanto, manter a esperança de melhores dias, aproveitando a inegável onda de público gerada ao longo dos anos e o apoio de parceiros, como as autarquias locais e algumas empresas mais conscientes da sua responsabilidade social que, com o seu incentivo, nos impelem a não desistir.

A Mostra deste ano fica marcada pela renovação física e técnica do auditório da ESPAM, sede deste festival desde a primeira hora. As obras de beneficiação, patrocinadas pela Câmara Municipal de Santiago do Cacém, permitiram renovar esta sala, tornando-a mais confortável e eficiente e acolher de forma mais digna as companhias de teatro e as suas montagens cénicas. Mas esta intervenção, na sequência de outras que o GATO SA e depois a AJAGATO têm vindo a promover ao longo de quase 30 anos de utilização deste espaço, presenteiam acima de tudo o público da região que merece como nenhum outro ver o seu interesse e entusiasmo reconhecidos pelo poder local. Enquanto não pudermos contar com uma infra-estrutura cultural feita de raiz, o auditório da ESPAM terá agora melhores condições para continuar a cumprir o seu desígnio de sempre: ser a sala de visitas desta cidade. Penso mesmo que não exagero se disser tratar-se do espaço cultural mais importante do Alentejo Litoral, se considerarmos a dinâmica aqui gerada e a importância e consistência dos projectos que alberga e a que deu origem em cerca de trinta anos de existência.

Esta 17ª MITSA foi preparada nos moldes minimalistas de há uma década: duas ou três pessoas, a experiência acumulada e rotinas que felizmente nos permitem pôr de pé o festival. Como habitualmente, valeram-nos os amigos e a rede de cumplicidades que se reforça ano após ano. Recorremos obviamente à autarquia local, contámos com o efeito facilitador das sinergias desta região e, naturalmente, com a estrutura escolar onde aliás o projecto sempre esteve ancorado. Mas a fórmula está esgotada há muito!

A dimensão do festival reclama outra estrutura organizativa e uma equipa mais alargada e profissional que permita assegurar este longo processo de preparação com maior eficácia e menor esforço individual, só suportáveis pela paixão que nos move. No entanto, como em todas as paixões, este trabalho obsessivo e avassalador é também inevitavelmente uma fonte de angústia e insegurança e, neste momento em que damos início a mais uma edição, espero que o público, a quem todo este trabalho se dirige, responda mais uma vez com a sua presença numerosa e o seu entusiasmo, justificando plenamente todo o trabalho de quem a preparou ao longo de muitos meses e o interesse de quem, acreditando no projecto, lhe deu o seu apoio e o suporte financeiro.

Detalhes e Destaques

Começamos no dia 1 de Junho, assinalando o Dia Mundial da Criança com dois espectáculo de grande qualidade dirigidos aos mais novos. Até terminar, no dia 26, teremos apresentado um total de 36 sessões de teatro em 12 localidades, desde Faro a Setúbal, relativas a 15 espectáculos diferentes trazidos por 13 companhias profissionais de teatro nacionais e estrangeiras.

De realçar o aumento do número de espectáculos a apresentar em Santiago do Cacém e a vontade da Junta de Freguesia de Alvalade de este ano acolher um espectáculo.

De igual modo se aplaude o aumento significativo do número de extensões, mostrando a importância que o festival vai despertando numa área geográfica cada vez mais alargada.

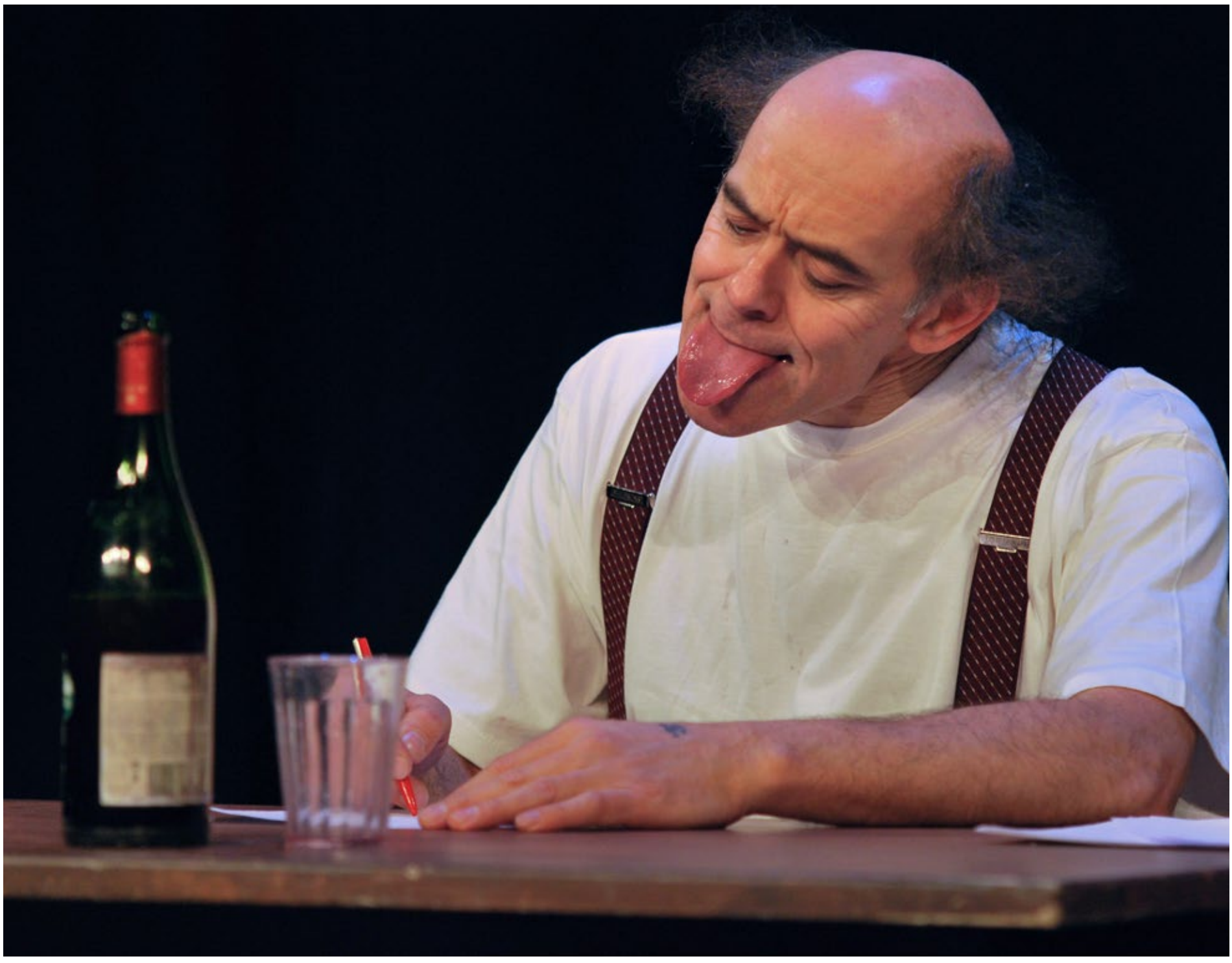
O programa deste ano mantém as principais características da Mostra, quer no que respeita à diversidade das propostas quer na exigência qualitativa dos espectáculos. No entanto, foi preparado com particulares cuidados financeiros, de modo a tentar manter o equilíbrio orçamental e uma das soluções encontradas foi o rentabilizar a vinda de alguns espectáculos com a sua apresentação num maior número de salas.

A 17ª MITSA traz-nos de volta algumas companhias que há vários anos não apresentávamos como é o caso da BAAL 17, FONTENOVA, TEATRO INVISÍVEL, CASEAR e COMUNA. Outras programamos pela primeira vez, cientes de que correspondem aos elevados padrões de exigência do público, como é o caso do premiado TEATRO GRIOT, com uma encenação do grande encenador Rogério de Carvalho, e o novíssimo PLOT TEATRO dirigido por John Mowat, responsável por todos os trabalhos que a Cª do Chapitô já trouxe a Santo André. De regresso teremos a Companhia da Esquina com uma actriz do GATO, a Inês Patrício, bem como o Teatro dos Aloés. Um destaque natural para as duas companhias internacionais: CIA COCOTTE de Barcelona, com um divertido espectáculo apresentado por um elenco de 6 jovens actores e o grande e experiente actor PAOLO NANI, que nos chega da Dinamarca, com um espectáculo que é já um clássico do seu repertório, apresentado mais de mil vezes em cerca de 40 países e com quem preparámos a linha gráfica deste ano.

Uma satisfação muito especial em nos associarmos ao 44º aniversário da COMUNA com uma comédia que esperamos possa atrair um elevado número de espectadores graças ao extraordinário elenco que o integra.

De resto, abrimos mais uma vez com os amigos do TEATRO DO MAR e encerramos formalmente, à imagem do ano passado, com uma peça de teatro musical pela ACADEMIA INATEL, embora no dia 3 de Julho ainda haja lugar à apresentação do Teatro do Mar na quinta do Chafariz em Santiago do Cacém.

A estrutura do festival inclui como habitualmente as actividades complementares, onde sobressaem o Workshop sob a direcção de Paolo Nani; as animações antes do teatro, generosamente trazidas por diversos artistas locais e também do Conservatório Regional de Setúbal; as "Abaladiças", onde o público pode contactar de perto com actores e encenadores; uma Exposição de Aguarelas de Ana Reis, uma artista oriunda desta região e do GATO SA; e o que mais se verá ao longo deste mês do teatro em Santo André.



Paolo Nani, artista-actor-encenador internacional

Porquê a escolha e o interesse pelo mimo e o "clowning" como linguagem dramatúrgica?
Eu não tenho formação em teatro da palavra. Mas queria poder levar os meus espectáculos a todo o mundo sem a barreira da língua, traduções, etc, que pudesse caber tudo numa mala e que fosse baseado no trabalho do actor. Não estudei a técnica de mimo ou "clown", mas "A Carta" revelou a força cómica que tinha escondida dentro de mim. Que as pessoas riam durante todo o espectáculo não faz de mim um "clown", tal como o facto de não falar não significa que sou um mimo. Na verdade, durante o espectáculo faço muito barulho, mas chamam-me mimo ou "clown" por comodidade. Na verdade, considero-me um artista-actor-encenador internacional.

O espectáculo "A Carta" deu a volta ao mundo e venceu numerosos prémios; pode contar-nos algum episódio divertido que lhe tenha acontecido durante uma representação?
1 – Os espectáculos mais catastróficos foram os da tournée na Gronelândia (não têm o mesmo sentido de humor) e o da representação em Tynset, na Noruega, em 1997. Durante esta última, o público não pestanejou nem riu durante todo o espectáculo. No final, aplausos. O organizador foi aos bastidores (onde eu estava a procurar uma corda para me enforcar) e disse-me que nunca na sua vida tinha rido tanto.
2 – Após uma representação próximo de Londres, a organizadora disse que, durante o espectáculo, estava preocupada com sua mãe, já idosa, que, na primeira fila, ria sem cessar. Quando, no final do espectáculo, lhe expressou a sua preocupação, ela respondeu "I couldn't think to a better way to go!" (Não consigo imaginar uma maneira melhor de morrer).

O que significa para si representar?
"Representar" é uma palavra estranha, tem a ver com "fingimento". Para mim, fazer um espectáculo tem a ver com NÃO-FINGIR, mas ser eu próprio. Disseram-me que assistir ao meu espectáculo é como conhecer um novo amigo, um amigo íntimo. Significa também muitas outras coisas, é o meu espaço de liberdade e divirto-me muito.

Como entende/concebe o corpo enquanto instrumento principal de trabalho do actor?
Quando preparo um espectáculo não penso nas palavras, mas no que se vê em cena, portanto seguramente no meu corpo. O teatro que faço é um teatro visual, mas não superficial. O teatro deve ser emoção. Nos outros dois espectáculos da "tournée" actual, sou muito diferente. Num sou muito gordo e maquilhado no outro muito magro e negro. ("Jekyll On Ice" e "Pequenas Catástrofes"). Podem ver alguma coisa destes trabalhos na minha página na Internet, www.paolonani.com.

Como é viver e trabalhar na Dinamarca?
Sou imigrante na Dinamarca, que me acolheu, e estou-lhe muito grato por isso. É um país tranquilo e eficiente. Mas sou cada vez mais um cidadão do mundo. Apresentei "A Carta" em 35 ou 36 países.

Fale-nos um pouco do próximo espectáculo.
Ainda não sei o que será o meu próximo espectáculo. De momento, enquanto estou na estrada com os meus três espectáculos, trabalho num arquivo online sobre o meu método de ensino. Muita gente e muitos jovens me pedem conselhos e instrumentos. Estou a tentar criar uma espécie de escola, uma espécie de curso a seguir online. Este trabalho levará alguns meses, e depois pensarei no próximo espectáculo.

Qual o seu actor preferido de sempre?
Desde sempre, Robert De Niro. Ultimamente, Christoph Waltz, que trabalhou com Quentin Tarantino em "Sacanas Sem Lei" e "Django Libertado" e que com estes papéis ganhou dois Óscares.

E o seu dramaturgo preferido de sempre?
Nunca leio teatro (escrito). Leio literatura. Todo o Dostoievski, todo o Henry Miller, Alessandro Baricco. O último livro que li e de que gosto muito foi "Open", de André Agassi.

A obra teatral preferida de sempre?
Vejo muito pouco teatro, mas muito cinema. Gosto muito de Stanley Kubrick, Martin Scorsese, Federico Fellini, Alejandro González Iñárritu e muitos outros.

Um filme estimulante?
"Whiplash – Nos Limites" (2014), dirigido por Damien Chazelle, com os actores Miles Teller e J. K. Simmons. Belíssimo!

O seu palco preferido (sala/teatro).
O Teatro Municipal de Ferrara, cidade onde nasci. Mas nunca fiz um espectáculo neste teatro. "Nessuno è profeta in patria" (Ninguém é rei na sua própria terra).

Entrevista: Nuno Brito

Espectáculos para a infância

A lenda do menino da gralha
Teatro do Mar

1 de Junho. 4ª feira
9.30h e 11.00h - **CAPAG** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO E ENCENAÇÃO
Julieta Aurora Santos

INTERPRETAÇÃO
Sandra Santos (Maresia)

MANIPULAÇÃO
Carlos Campos (Menino), Luís João Mosteias (Gralha/Soldado), Sérgio Vieira (Capitão)

CENOGRAFIA E ADEREÇOS
João Calvário

CONSTRUÇÃO CENOGRÁFICA
João Calvário, Hugo Custódio

CONSTRUÇÃO DE MARIONETAS
Sérgio Vieira, Sandra Santos, Carlos Campos, Luís João Mosteias

FIGURINOS
Sandra Santos

BANDA SONORA ORIGINAL
Zé Dado

DIREÇÃO TÉCNICA
Luís João Mosteias

OPERAÇÃO DE LUZ
Natasha Bulha Costa

OPERAÇÃO DE SOM
Luís Santos

PRODUÇÃO EXECUTIVA E PROMOÇÃO
Natasha Bulha Costa

CLASSIFICAÇÃO
M3

DURAÇÃO
45 Min

Julieta Aurora Santos, como Directora Artística do Teatro do Mar, dando prossecução ao seu projecto de resgatar elementos da identidade cultural da região alentejana, baseou-se numa lenda oral da freguesia de Porto Covo, nomeadamente da Ilha do Pessegueiro – "A Lenda do Menino da Gralha" – para criar um texto dramatúrgico original que serve o seu espectáculo. Recupera assim, para as novas gerações, parte do património imaterial do concelho, reinventando os factos históricos a ela associados.

A história é narrada por uma personagem onírica, a Maresia, uma figura central que suspende na cintura da sua extensíssima saia de mar, uma ilha, a Ilha do Pessegueiro. É a personificação da paisagem e o espírito daquele mar, como testemunha de todos os acontecimentos, quem nos conta as aventuras do menino e da sua amiga gralha. Uma história sobre o desejo de liberdade e paz num mundo que tende a desaparecer, simbolizados pela ameaça real de submersão da ilha e, em consequência, as ruínas do seu fortim.

A narrativa, auxiliada na sua interpretação por marionetas de varas, define-se através de uma linguagem de grande visualidade, ambiente onírico e poesia, passível de ser compreendida por todos os públicos.

Smile
BAAL 17

2 de Junho. 5ª feira
10.00h, 11.30h e 14.30h - **Auditório Municipal António Chainho** Santiago do Cacém

3 de Junho. 6ª feira
11.00h e 14.30h - **ESPAM** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

SMILE
Criação colectiva

ENCENAÇÃO
Filipe Seixas

INTERPRETAÇÃO
Susana Gonçalves e Susana Nunes

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Bruno Guerra

CLASSIFICAÇÃO
M6

DURAÇÃO
50 Min

Num universo que não é exatamente o nosso, onde a magia e o inesperado se cruzam com a ficção científica, o acaso junta duas personagens que, com um sorriso sempre à mão e a ternura sempre ao pé, irão explorar os cantos tristes e sórdidos das relações entre os Homens.

Apoiadas numa parafernália de objetos e maquinarias vagamente científicos, estas duas personagens buscam a alegria, que é também a busca por si próprias, pelo seu lugar no mundo, pelo seu modo de vida. E é uma fuga, ao vazio...

Estará a alegria aqui? Em mim? No outro? Será apenas o lado de lá da tristeza? Poderá uma existir sem a outra? O que se esconde por trás de um sorriso?

SMILE, um espetáculo sem idade, que não é só para rir à gargalhada.

Insekto

Teatro do Mar

3 Junho. 6ª feira

22.00h - **Adro da Igreja de Santa Maria** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Encenação, Dramaturgia e Direcção de Movimento
Julieta Aurora Santos

Intérpretes
Ana Andrade, Carlos Campos, Sandra Santos e Sérgio Vieira

Cenografia
Bruno Capucho

Consultoria Técnica
Eng. José Batalha e Duarte Machado

Construção
Luís Santos e Rui Teixeira

Colaboração (Construção)
Luís João Mosteias, Bruno Capucho, Tiago Santos, Cláudio Guerreiro, Ema Brito e Tomás Pinto Coelho

Banda Sonora
Charlie Mancini

Participação especial - Voz
Elisa Galvão

Figurinos
Sandra Santos

Colaboração (Figurinos)
Adriana Freitas

Direcção Técnica, Desenho e Operação de Luz
Luís João Mosteias

Operação de Som
Luís Santos

Produção Executiva e Promoção
Natasha Bulha Costa

Secretariado, Administração e Apoio à Produção
Sónia Custódio

Vídeo Promocional
José Dinis

Fotografia de Cena
Alípio Padilha

Teatro de Rua a partir d'*A Metamorfose*, de Franz Kafka

Espectáculo de Teatro Físico, Visual, Não-Verbal e Música Original, com recurso a Acrobacia Aérea.

Este conto fantástico (um homem acorda transformado num insecto) atravessa os séculos e as fronteiras para ser uma obra intemporal da aldeia humana. É a vida de "um qualquer", a quotidiana e esquecida. "Insekto", no dicionário de esperanto também se traduz por "pessoa insignificante". O homem normal, escravo da sua própria vida, da sua condição social, da sua família, vê-se de repente suprimido numa monstruosidade incompreendida. Poderá haver solidão maior do que esta? Apesar de "A Metamorfose" ter comemorado o seu centenário em 2015, Kafka consegue ainda ser actual. A nossa época é o tempo da solidão, somos contemporâneos da depressão massificada, como doença comum. Irreflectida vítima do desejo de adequação e de amor, o homem trai a sua própria natureza, resultando exactamente no oposto: inadequação ao trabalho, à família e ao mundo. O isolamento, a melancolia e a incompreensão consequentes determinam um processo gradual de animalização...

A Companhia

Fundado em 1986 e sediado em Sines, o Teatro do Mar é uma estrutura profissional com 30 anos de existência e um considerável percurso de itinerância nacional e internacional.

O seu trabalho tem caminhado no sentido de abrir caminho para uma "arte total". Fundindo o teatro contemporâneo, essencialmente físico e visual, com as artes circenses, a dança, as artes plásticas, a música, as formas animadas e as novas tecnologias, a evolução da pesquisa da Companhia traduz-se pela busca permanente da simultaneidade do gesto coreográfico, teatral e da composição de imagens como leitura global para uma dramaturgia.

As temáticas dos espectáculos refletem, na sua generalidade, sobre o homem contemporâneo e a sua condição existencial, face a uma ideia de progresso, e consequente transformação da sua identidade, das suas memórias afetivas e culturais.

O Teatro do Mar é uma estrutura financiada pelo Minstério da Cultura - DGArtes e subsidiada pela Câmara Municipal de Sines. Conta com a Medalha de Mérito Cultural da Cidade de Sines e o Prémio Mais Teatro pela Revista Mais Alentejo. A sua Directora Artística Julieta Aurora Santos recebeu o Troféu da Região de Turismo da Costa Azul por serviços culturais prestados à região do Alentejo.

Faz Escuro nos Olhos

Teatro GRIOT

4 Junho. Sábado

22.00h - **ESPAM** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO
Montagem e selecção colectiva

ENCENAÇÃO
Rogério de Carvalho

ACTORES
Ana Rosa Mendes, Daniel Martinho, Giovanni Lourenço, Margarida Bento e Zia Soares

DESENHO DE LUZ
Jorge Ribeiro

FIGURINOS
Teatro GRIOT

PESQUISA DE SOM
Rogério de Carvalho

DESIGN GRÁFICO
Sílvio Rosado

FOTOGRAFIA
Pauliana Valente Pimentel

VÍDEO
Mário Melo Costa (https://youtu.be/XzxPcmJEzIA)

PRODUÇÃO
Teatro GRIOT

APOIO À PRODUÇÃO
Underground Railroad Lisboa

CONSTRUÇÃO
Luís Santos e Rui Teixeira

CLASSIFICAÇÃO
M16

DURAÇÃO
70 Min

Faz Escuro nos Olhos é um espectáculo composto por textos de diversos autores, como Sergi Belbel, Sigmund Freud, Virginia Woolf ou Howard Barker. Apresenta-se ao público como um aglomerado de histórias independentes ligadas pela mesma tónica: o desequilíbrio das relações humanas, ora assentes no poder ora presas por uma deficiente comunicabilidade, potencial gerador de violência. Um teatro de quase monólogos que se refere em última instância ao (des)afecto. Não há emoção, compromisso, nem personagens no sentido mais tradicional, nem pedaços de textos reveladores, nem um único fragmento feliz, apenas um palco, onde os actores, na frente de quem os assiste, ocupam esse lugar onde o abuso tem muitas caras. O encenador e os actores construíram um espectáculo multiplicador das leituras em torno da mais primária expressão da Humanidade: a violência. Temas universais como Família, Guerra, Velhice, Infância, Pobreza, Dinheiro são transversais nesta criação. O conjunto de quadros que constituem este espectáculo procura uma cadência por detrás dos alvos e dos efeitos desta violência omnipresente, na fronteira entre o ruído e o silêncio.

Breve introdução do encenador

A voz parece a coisa mais comum do mundo. Enquanto digo voz, enquanto emprego esta palavra sem mais qualificativos, a primeira coisa que vem à mente é sem dúvida o mais habitual: o uso omnipresente da voz, da nossa comunicação de todos os dias. A cada momento usamos as nossas vozes e escutamos vozes. Toda a nossa vida é mediada pela voz. Habitamos de forma constante um universo de vozes. Somos bombardeados por contínuas vozes. Temos que abrir passagem, a cada dia, através da floresta de vozes. Todas essas vozes gritam, sussurram, choram, acariciam, ameaçam, imploram, seduzem, ordenam, rogam, rezam, confessam, aterrorizam, declaram...

Mas as palavras falam quando as enfrentamos, nas tonalidades infinitas da voz, ao veicularmos significados.

A linha divisória entre a voz e o ruído; entre a Natureza e a Cultura, é incerta. Outra linha divisória separa a voz, do silêncio. Custa suportar a ausência de vozes e de sons. O silêncio absoluto é sinistro, é como a morte, enquanto que a voz é o primeiro sinal de vida.

Nem todas as vozes se ouvem, mesmo as mais angustiantes e desesperadas podem ser vozes não ouvidas. Pode ser que no silêncio apareça outro tipo de voz mais premente, a voz interna, uma voz que não se pode fazer calar.

Rogério de Carvalho

Sobre a Companhia

O Teatro GRIOT é uma companhia de actores que se dedica à exploração de temáticas relevantes para a construção e problematização da emergente identidade afro-europeia contemporânea e do seu reflexo no discurso e na estética teatral. A identidade e as dinâmicas inter-identitárias, entre o africano e o europeu, e o território de intersecção entre ambos, são um dos eixos de desenvolvimento das actividades da companhia, o que se reflecte na programação, na escolha dos textos, dos encenadores e dos actores.

TEMPESTADES, Ensaio de um Ensaio

REALIZAÇÃO
Uli Decker

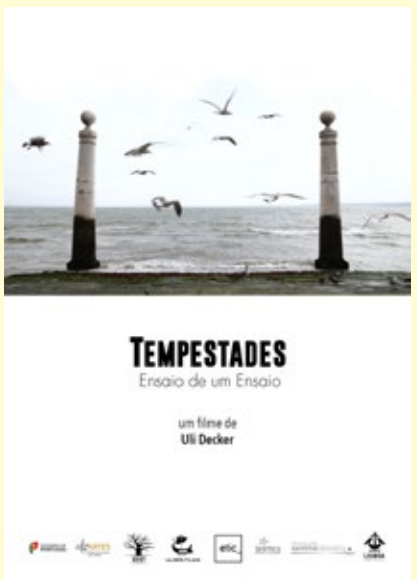
CO-PRODUÇÃO
GRIOT/Ulises Films

5 de Junho. Domingo
17h - **ESPAM** V.N. Santo André

TEMPESTADES - Ensaio de um Ensaio é um ensaio documentário sobre um texto que trespassa vidas e vidas que trespassam um texto.

Em 2015 o Teatro GRIOT, uma companhia de teatro sediada em Lisboa, cujos actores são maioritariamente afro-europeus, começou a ensaiar "A Tempestade" de William Shakespeare com o encenador Bruno Bravo numa pequena vila costeira. Partindo dos primeiros ensaios, o filme explora a ligação entre o texto de Shakespeare e a biografia dos actores. Entre a peça e a paisagem, o filme traz à tona tópicos como memória, casa, emigração, colonialismo. Um mosaico complexo de múltiplas vozes.

O filme estreou-se no InShadow - Festival Internacional de Vídeo, Performance e Tecnologias, em Novembro de 2015.



Les Rois Fainéants
Cia COCOTTE

4 Junho. Sábado

22.00h - **Auditório do Centro de Artes** Sines

5 Junho. Domingo

22.00h - **Auditório Municipal António Chainho** Santiago do Cacém

ENCENADOR
Joan Cusó

INTÉRPRETES
Berta Graells, Clara Algaba, Lucas Escobedo, Raquel Molano, Borja Nieto, Pino Steiner

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Marta Bayer

APOIO À VOZ
Esther Bové e Lluisa Sala

DESENHO DE LUZ
Sergio Santafé, Mario Andrés

MÚSICA E SOM
Somaya Dabbech, Víctor Fernández

FOTOGRAFIA
ESTAE e Marçal Bayona

DESIGN GRÁFICO
Sergio Escalona

CLASSIFICAÇÃO
M12

DURAÇÃO
70MIN

Talvez esteja a perguntar-se: quem é o homem do quadro? É o fundador da fábrica Les Rois Fainéants.

Uma fábrica no centro da região francesa da Aquitânia é durante décadas um exemplo de eficiência, mas também de monotonia para os trabalhadores. Até que chega uma carta que muda tudo.

Espetáculo inspirado no trabalho da companhia Les Deschiens e no cinema de Jacques Tati, realizador que afirmou: "Sou humorista porque olho para o mundo com sentido crítico, mas com amor". Criação coletiva dirigida por Joan Cusó em que a cenografia funciona como um artefacto poético e lúdico, uma máquina-instalação onde os objetos ganham vida.

A companhia

Cia Cocotte nasce em 2014 a partir da criação colectiva do espectáculo "Les Rois Fainéants". Pela mão de Joan Cusó e de seis alunos do terceiro curso do Institut del Teatre - la Escuela Superior de Arte Dramático (ESAD) de Barcelona, este projecto começou por ser uma oficina que se apresentaria ao público em meados desse ano na sala María Plans, em Terrassa.

Depois de um processo de criação que durou dois meses e meio, baseando-se na improvisação e no jogo com objectos como principal ponto de partida, decidiu-se abrir as portas do projecto e introduzi-lo em circuitos profissionais de exibição.

A promoção do Teatro Físico de 2011 da ESAD de Barcelona abre a especialidade de Teatro Visual, anteriormente denominada Teatro de Títeres e Objectos. Depois de mais de dez anos sem existir, converteu-se no único em toda a província de um grupo de alunos que estuda esta vertente teatral.

O Último dos Românticos

COMUNA

10 Junho. 6ª feira

22.00h - **Auditório Municipal António Chainho** Santiago do Cacém

11 Junho. Sábado

22.00h - **Auditório do Centro de Artes** Sines

22 Junho. 4ª feira

21.30h - **Cine-Teatro Pax Julia** Beja

25 Junho. Sábado

21.30h - **Fórum Municipal Luísa Todi** Setúbal

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO ORIGINAL
"Last of Red-Hot Lovers", deNeil Simon

ADAPTAÇÃO, VERSÃO CÉNICA E ARTÍSTICA
João Mota

TRADUÇÃO
Teresa Lacerda

INTERPRETAÇÃO
Carlos Paulo, Maria Vieira, Margarida Cardeal e Maria Ana Filipe

FIGURINOS
Carlos Paulo

DESENHO DE LUZ
Paulo Graça

DIRECÇÃO TÉCNICA, MÚSICA E ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
Hugo Franco

DESIGN GRÁFICO
R2.COM

FOTOGRAFIA
Bruno Simão

VÍDEO
Eduardo Breda

OPERAÇÃO DE LUZ/SOM
Fernando Alberto

CLASSIFICAÇÃO
M12

DURAÇÃO
60MIN

"O Último dos Românticos" é uma divertida comédia que centra a sua história em Vasco Biderman, um homem de 55 anos que no espaço de nove meses convida três mulheres diferentes para o apartamento da sua mãe, numa tentativa de ter uma tarde de caso extraconjugal.

Mas o que é uma relação a dois? Quais são os seus limites? Até que ponto é legítimo ter um caso amoroso de modo a justificar o próprio amor, ou a busca por ele? O egoísmo justifica este tipo de acção? O século XXI está a ficar marcado por um individualismo crescente que cada vez mais leva a uma solidão do indivíduo. É uma época em que o ser humano se fecha sobre si próprio e apenas sobre o que é importante para si, e por uma busca pela sua satisfação pessoal, sem olhar a meios e consequências. É urgente tomar consciência do outro e do papel do outro na vida de cada um. Ninguém vive sem amor e num tempo em que cada vez mais as pessoas estão desligadas umas das outras e que o respeito pelo outro e pelo amor é cada vez menor, surge a necessidade de explorar, de forma satírica, uma questão que se está a tornar tóxica na sociedade que nos rodeia.

"O Último dos Românticos" será o espectáculo comemorativo do 44º Aniversário da Comuna Teatro de Pesquisa.

Sobre a peça "O Último dos românticos"

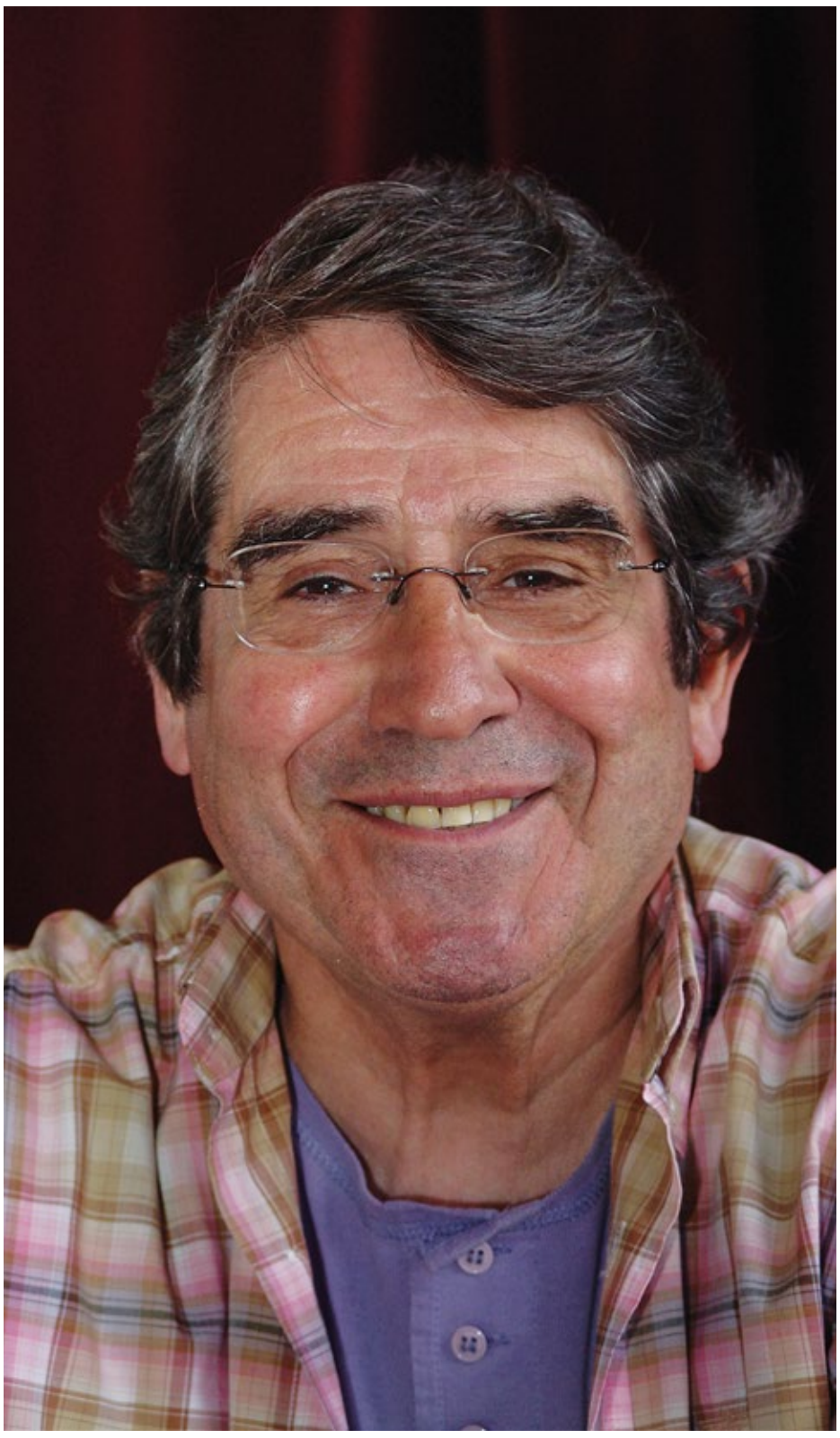
Recebi esta peça das mãos da Teresa Lacerda, que a traduziu, nos fim dos anos 70, com a proposta de a dirigir com o Raul Solnado. Ele tinha acabado de ter um grande sucesso com a peça "Super Silva" – que esteve dois anos em cartaz – e esta comédia devia, se possível, repetir esse êxito. O projecto acabou por não ir para a frente porque alguém detinha os direitos de representação em exclusividade. Mas nunca me esqueci do texto. Passados todos estes anos, acho que a peça do Neil Simon está mais actual do que me pareceu na altura. A crise – que não é portuguesa, mas mundial – gerou na nossa sociedade um grave problema de afectos. Hoje, não sabemos escutar o outro, perdemos o sentido dos valores, da honestidade. Esse tema é central, que tem, quanto a mim, outra mais valia: fala das mulheres e dos seus problemas. Finalmente, há um homem que está num processo de busca. Vasco quer uma relação de amizade. Precisa de falar com alguém, de ter uma relação profunda. Mas como consegui-lo numa época em que não há tempo para nada, nem para ninguém?

"O Último dos Românticos" é uma comédia dramática e que me parece poder traduzir para o palco o desespero em que todos vivemos. Os recentes ataques na Bélgica – que ameaçam vir a fechar as fronteiras da Europa – levam-nos no sentido da mediocridade. O homem é cada vez mais pequeno e o mundo sensível fica cada vez mais longe.

Saudades, só do futuro

Como uma bola que rola, passaram-se 44 anos.
Aprendizagens, troca de experiencias, viagens, intercâmbios.
Actores, novos e velhos
Autores, clássicos e contemporâneos, estrangeiros e Portugueses
Antes e depois do 25 de abril
Já lá vão 44 anos...
Uma procura constante, sabendo o pouco que sabemos.
A Amizade
O Amor
Sempre rodeados de crianças e de família.
A procura da perfeição, sabendo que é inatingível,
O sagrado e o profano
O silêncio
O saber ouvir
O vazio
Estamos vivos!
Viva o Teatro!

João Mota



Parece que foi ontem

Parece que foi ontem...

Em 1971 uma primeira experiência – o Teatro Laboratório de Lisboa – OS BONECREIROS, um espectáculo para a infância e juventude, encenado por João Mota, dezenas de representações em Lisboa e mais de 30 localidades em todo o país. Um Prémio da Crítica com o Melhor Espectáculo para a Infância e Juventude. Apesar do êxito, a ruptura: o João Mota, a Manuela de Freitas, O Carlos Paulo, O Melim Teixeira e o Francisco Pestana decidimos sair e levar mais longe a aventura de um Teatro colectivo, onde os actores assumiam a total responsabilidade pelo seu trabalho.

No dia 1 de Maio de 1972 nascia a COMUNA – TEATRO DE PESQUISA num 2º andar da Rua Pedro Nunes, em Lisboa. O nome foi escolhido por votação dos ouvintes de um programa de Rádio – a Rádio Renascença – a quem propusemos duas hipóteses: ou OS CÓMICOS ou COMUNA sempre com o subtítulo de TEATRO DE PESQUISA. Queríamos ter o nome do que defendíamos: o actor primordial, o artesão, em permanente mudança ao encontro dos públicos afastados do teatro, a procura de novos espaços, OS CÓMICOS e também a comunidade natural dos criadores sem escalões diferenciados no salário, nas responsabilidades, uma relação frontal com a outra comunidade, os espectadores – A COMUNA.

O público escolheu e nós avançámos com o primeiro espectáculo baseado em textos do primeiro autor do teatro português – GIL VICENTE – com o título de "PARA ONDE IS?" – pergunta que sempre quisemos presente no nosso caminho. Chamámos para o nosso lado actores vindos do teatro profissional, do teatro universitário e jovens recém-saídos do Conservatório Nacional. De cinco passámos a 14 a ensaiar em ginásios de escolas, salas de colectividades, em casa de uns e outros ... E cinco meses depois estreámos – no dia 22 de Outubro – dia de anos do João Mota, o nosso encenador, numa garagem transformada em Teatro, na Praça José Fontana, em frente ao liceu Camões, alugada pelo empresário teatral Vasco Morgado, que nos emprestou também os panos com que forrámos as paredes, a estrutura da bancada do público, e alguns projectores. Os bilhetes tinham o preço único de 20 escudos e ali ficámos a esgotar 150 lugares por noite, durante quase meio ano.

O primeiro subsídio veio da Fundação Gulbenkian, 160 contos, já que ao Estado desde logo nos recusámos a pedir subsídios. Dali passámos, por oferta de Manuel Vinhas para a Sociedade Central de Cervejas na Avenida Almirante Reis, numa antiga sala de fabricação, entre ratos, chuva, caves alagadas e cargas policiais a estudantes na vizinha Praça do Chile. Ali nos mantivemos até Março de 1975 em que na companhia de cento e tal espectadores ocupámos o Casarão Cor-de-Rosa da Praça de Espanha, antigo Colégio Alemão e Lar de Mães Solteiras da Misericórdia e abandonado há vários anos. E aqui estamos há 30 anos, bem vividos em convívio permanente com a cidade e o público.

O resto é como as histórias que ainda não têm fim: a Casa da Criança, o Centro Cultural, os Projectos de Alfabetização, o Clube dos Amigos da Comuna, os Cursos de Teatro, as Exposições, os Concertos, os Debates, a abertura de 4 salas permanentes divididas com dezenas de outras companhias, e os Espectáculos de Teatro, mais de 90 criações de espectáculos destinados a todo o tipo de público: crianças, jovens, adultos e ainda a experiência inovadora do Café-Teatro e depois ainda a Palavra dos Poetas, criadas por Carlos Paulo.

Desde 1973 o nosso caminho também se fez pelos caminhos do mundo. Actuámos nos principais festivais de Teatro de todo o mundo, em mais de 19 países, dezenas de cidades, milhares de pessoas na Europa, na América e em África. Alcançámos um prestígio internacional único para uma companhia portuguesa e sobretudo resistimos aos habituais complexos de inferioridade com que teimosamente continuamos a querer olhar-nos. Fomos uma Companhia de referência do teatro mundial nas décadas de 70 e 80 e connosco vieram trabalhar actores oriundos de França, Venezuela, Suiça ou Alemanha.

Também percorremos Portugal de lés-a-lés, participando regularmente nos principais Festivais de Teatro que se realizam no nosso país, para lá de termos actuado em dezenas de cidades, vilas e aldeias.

Fomos ainda os pioneiros nas famosas Campanhas de Dinamização Cultural do MFA realizadas em 1974 e 75 levando o teatro a sítios onde nunca se tinha assistido a uma representação.

Também a dramaturgia portuguesa, a par dos grandes textos clássicos e contemporâneos do teatro mundial, foi para nós a preocupação primeira – representámos os grandes clássicos portugueses e demos a conhecer os jovens dramaturgos que o 25 de Abril permitiu crescer.

Pela nossa casa passaram mais de uma centena de actores, para lá das dezenas que formámos e dos quais alguns hoje são nomes importantes do teatro português.

Temos sido fiéis àquilo que nos propusemos em 1972 ao nosso primeiro manifesto apesar dos governos (tantos) dos ministros (mais do que a conta) das políticas culturais (quais?) das modas, das televisões, das capelinhas, dos ódios de estimação, a COMUNA orgulha-se de estar viva e de continuar a ser um espaço permanente de Pesquisa de um Teatro Vivo, dramaturgia de ruptura, espaço de nascimento e crescimento de novos actores e autores, um laboratório permanente em consonância com um público que conhecemos já em terceira geração, e que sabe que cada vez que vem à nossa Casa é para partilhar um espaço que também lhe pertence, pois a nossa história é também a Vossa história. Porque só assim o Teatro tem sentido para nós!!

http://www.comunateatropesquisa.pt/pt/aComuna_01.html

Uma Menina Bem Guardada

BAAL 17

9 Junho. 5ª feira

21.30h - **Largo Marquês de Pombal** Porto Côvo

10 Junho. 6ª feira

21.30h - **Praça D. Manuel I** Alvalade do Sado

18 Junho. Sábado

21.30h - **Jardim público** V.N. Milfontes

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

AUTOR
Eugène Labiche (a partir da tradução de Christine Zurbach)

ENCENAÇÃO
Rui Ramos

INTERPRETAÇÃO
Anabela Mira, Filipe Seixas, Hugo Fernandes, Susana Gonçalves e Telma Saião

CENOGRAFIA, ADEREÇOS E FIGURINOS
Bruno Guerra

FOTOGRAFIA
José Ferrolho

CLASSIFICAÇÃO
M 3

DURAÇÃO
55 Min

Uma Menina Bem Guardada, é uma comédia de vaudeville do século XIX onde o autor satirizou os costumes da época, em especial os da burguesia. O género caracteriza-se como sendo uma comédia ligeira, satírica de costumes, baseada na intriga e no equívoco, onde se acentua o movimento das personagens colocadas em situações caricatas.

É reforçada a componente expressiva das interpretações, o ritmo frenético, o trabalho físico e o jogo do ator.

Com uma cenografia engenhosa, mas de aparência simples, são os figurinos inspirados na época e com apontamentos extravagantes da atualidade que caracterizam a imagem apelativa do espetáculo.

O espectáculo é construído para ser apresentado como um produto itinerante e autónomo. A própria cenografia incorpora um palco, de forma a ser rapidamente implantado em pequenas praças e espaços públicos, facilitando a sua apresentação no maior número de localidades possível.

BAAL 17 Companhia de teatro na educação do Baixo Alentejo

O Baal 17 surgiu em meados de 2000 como companhia de teatro profissional. Sediada em Serpa, tem por objectivo desenvolver um trabalho vocacionado para as escolas e jovens da região, sem esquecer no entanto todo o público em geral.

Paralelamente às actividades desenvolvidas na e para a região onde está inserido, o grupo apresenta os seus espetáculos regularmente por todo o território nacional e internacional.

As actividades do Baal 17 são orientadas no sentido da criação de relações estreitas com as escolas do ensino básico e secundário para as quais criou o "Programa de Interacção Teatral Escolar", que se desenvolve em duas vertentes prioritárias: por um lado, a preparação de espetáculos de autores curriculares e, por outro lado, um trabalho directo com os alunos nas salas de aula. No âmbito deste programa foram preparadas, para apresentação e debate com os estudantes e professores envolvidos, várias intervenções teatrais com base em textos curriculares bem como vários espetáculos de teatro.

O Baal 17 desenvolve também uma série de ateliers e workshops de Drama para crianças (em escolas isoladas), alunos e professores (em escolas secundárias) e grupos de jovens (em associações de desenvolvimento local e outras instituições sociais).

Desde julho de 2003 faz parte do projecto europeu "Drama - a way to social inclusion" em conjunto com outros países (Finlândia, Espanha e Estónia), onde criará uma rede de trabalho direcionada para a utilização do drama como ferramenta de inserção e informação em contextos socioculturais desfavorecidos.

O Homúnculo
Fontenova

11 Junho. Sábado

22.00h - **ESPAM** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO
Natália Correia

ENCENAÇÃO
José Maria Dias

DRAMATURGIA
Armando Nascimento Rosa

INTERPRETAÇÃO
Bruno Moraes, Eduardo Dias, Ricardo Guerreiro Campos e Sara Costa

CENOGRAFIA
Ricardo Guerreiro Campos

FIGURINOS
Zé Nova

MÚSICA ORIGINAL
Bruno Moraes e Armando Nascimento Rosa

DESENHO DE LUZ
José Maria Dias

FOTOGRAFIA, VIDEOMAPPING, OPERAÇÃO LUZ E SOM
Leonardo Silva

CONSULTOR BIOGRÁFICO
Fernando Dacosta

DESIGN GRÁFICO
Fernando Carvalho

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
Coral Infantil de Setúbal

CLASSIFICAÇÃO
M16

DURAÇÃO
60MIN

Era uma vez um país tão perto no espaço e no tempo que nos basta nada fazer para lá irmos parar.

Esse país não vem no mapa, a sua geografia habita nas memórias e cicatrizes de um povo artesão especialista em fundir o mito com a realidade.

Nesse país há um homem que impõe a sua vontade e governa acima de todos os outros, será que um só homem consegue manter o poder sobre 10 milhões de almas.

"O Homúnculo" é um texto de Natália Correia, apreendido pela PIDE logo após ser publicado, em 1965, e que nunca até hoje fora representado em teatro profissional (só há notícia de uma experiência, quase clandestina, pelo Cénico de Direito, no início dos anos setenta, dirigida por José Manuel Osório). Em 2015 cumpriram-se 50 anos desde a sua primeira e única publicação em livro, e só nos pode surpreender e fazer meditar o facto da cena teatral do Portugal democrático ter ignorado até hoje a potencialidade teatral que habita na crítica inquietação desta criação nataliana. No dizer de Armando Nascimento Rosa, «O Homúnculo (*tragédia jocosa*) é uma das raras obras mestras que no teatro português consegue operar o cruzamento entre a estética surrealista, o teatro do absurdo, e a sátira política». A coragem cívica da voz poética de Natália, aliada a um singular talento como dramaturga, encontra-se bem patente numa peça em que Mortocália é a metáfora grotesca de um país onde reina Salarim, uma espécie de novo rei Ubu e seus acólitos, representantes dos poderes eclesial (o Bispo), militar (o General), académico e corporativo (o Bobo Mnemésicus).

Poderosa sátira inspirada na figura de Salazar, o texto de Natália não se circunscreve porém somente ao contexto epocal, mental e sociopolítico que o motivou, demonstrando a sua intemporalidade na linguagem inventiva e ágil com que convoca o fazer teatral, bem como, em termos de mundividência, na denúncia inteligente do despotismo repressor do pensamento livre e plural, por intermédio de um universo dramatúrgico extremamente aliciante para a criação cénica contemporânea. Provocatório e experimental, 'O Homúnculo' concretiza-se num espectáculo que pretende testar na cena a capacidade de sermos interpelados pela obra dramática de uma autora crucial da cultura portuguesa novecentista, que nos convida à reflexão partilhada sobre o abuso dos poderes do estado em face do exercício da cidadania activa de cada indivíduo, num exercício de imaginação alegórica, emancipatório e surrealizante.

A companhia

O Teatro Estúdio Fontenova nasceu a 15 de Setembro de 1985, com uma actividade profissional regular desde 2004, tem dedicado o seu trabalho à pesquisa, experimentação e produção, criando as condições para que o trabalho artístico possa concretizar-se, ser visto e partilhado pelo público e pela comunidade, procurando estabelecer um conjunto de relações com outras estruturas e criadores no sentido de rentabilizar, de um ponto de vista cultural, os esforços despendidos.

Assim o TEF desenvolve actividades apoiadas em quatro eixos estruturantes: Criação, Programação, Acolhimentos e Formação, tendo o teatro como actividade-âncora. O TEF reside desde 1999 numa garagem do subúrbio de Setúbal, uma zona híbrida, de mistura de paisagens e referências, que vem influenciando de uma forma indelével o trabalho da Companhia. O percurso do TEF foi sendo reconhecido pelo público, pela crítica, pelas instituições culturais, o que, por um lado, conferiu ao projecto solidez e dimensão cultural, e, por outro, acrescentou uma responsabilidade para com a comunidade. O projecto artístico torna-se, de uma forma mais visível, um projecto cívico.

Nevoeiro Adentro

Plot Teatro

10 Junho. 6ª feira

22.00h - **Cine Granadeiro** Grândola

12 Junho. Domingo

22.00h - **ESPAM** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

ENCENAÇÃO
John Mowat

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO
Ricardo Peres

INTERPRETAÇÃO
Miguel Antunes, Ricardo Peres e Sónia Aragão

DESENHO E OPERAÇÃO DE LUZ
Jochen Pasternacki

ADEREÇOS E FIGURINOS
Francisco Pessoa Junior

PRODUÇÃO
Carla Lomba

CLASSIFICAÇÃO
M16

DURAÇÃO
55 Min

Aquando da construção da nova estação de metro do Terreiro do Paço, em Lisboa, foi encontrado durante as escavações, um jarro de barro totalmente selado, datado de 1579, contendo uma pequena quantidade de nevoeiro que se presume tenha pertencido a D. Sebastião de Portugal. Historiadores atribuem a esta descoberta um valor incalculável na compreensão do Português dos dias de hoje.

Inspirados nestes factos e depois de anos de profunda investigação, John Mowat e a companhia Plot Teatro estreiam Nevoeiro Adentro, um olhar caótico e excêntrico sobre Portugal e os portugueses, um espetáculo que vira as coisas do avesso e de pernas para o ar, sempre numa perspetiva de fora para dentro. Imerso numa manta de retalhos de mitos e lendas, este espetáculo explora e faz o seu caminho através de um pântano de hilariantes incertezas históricas.

A companhia

Formada em 2015, por John Mowat, Sónia Aragão, Ricardo Peres, Miguel Antunes e Jochen Pasternacki, Francisco Pessoa Júnior e Carla Lomba. Dedica-se à criação de especáctulos originais, baseados em ideias próprias ou na adaptação de obras clássicas da literatura.

John Mowat

John Mowat nasceu em Londres. Estudou escultura na City and Guilds of London Art School e até 1980 trabalhou como escultor e assistente de estúdio de James Butler. Neste âmbito, produziu esculturas para o museu Madame Tussaud, para a Royal Shakespeare Company e a English National Opera bem como para a BBC. Estudou pantomima entre 1978 e 1980.

Em 1980 cria os seus "one-man--shows" que foram apresentados em vários festivais e teatros dedicados à pantomima, tanto em Inglaterra como em diversos outros países.

A partir de 1990, começa a desenvolver em Inglaterra uma actividade pedagógica em várias escolas de teatro, dança e música, actividade essa que alargou a outros países europeus. Paralelamente continua a sua atividade criativa enquanto performer e encenador. Em 1994 cria, em conjunto com Paul Morel e Tanya Scott--Wilson, a companhia de teatro Oddbodies, na qual dirigiu e interpretou vários espetáculos de pantomima e teatro.

Em Portugal, tem trabalhado ao nível da encenação e criação com várias companhias como a Companhia do Chapitô, com a qual concebeu e dirigiu inúmeras peças como O Grande Criador, A Tempestade, Cão que Morre Não Ladra, Cemitério dos Prazeres, Édipo, Macbeth, ou Dr. Jekyll and Mr. Hyde, apenas para referir as que foram apresentadas na MITSA. Mowat continua a desenvolver regularmente actividades pedagógicas no nosso país e o seu estilo, patente não só no seu trabalho como actor e encenador, mas também nos inúmeros cursos e workshops que dirigiu, tem grande foco nos aspectos físicos e visuais do actor e da cena. Com jogos, exercícios e improvisações, estimula a criatividade, partindo da análise do movimento para a descoberta do corpo, do espaço que ele ocupa, dos objectos que utiliza, dos sons que produz.

Em 2015 funda um novo projecto em Portugal, PLOT Teatro, com o qual se apresenta agora ao público da Mostra.

A Carta

Paolo Nani

16 Junho. 5ª feira

21.30h - **Teatro Municipal de Faro** Faro

17 Junho. 6ª feira

22.00h - **ESPAM** V.N. Santo André

18 Junho. Sábado

22.00h - **Auditório do Centro de Artes** Sines

19 Junho. Domingo

22.00h - **Auditório Municipal António Chainho** Santiago do Cacém

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

CRIAÇÃO
Paolo Nani e Nullo Facchini

INTERPRETAÇÃO
Paolo Nani

ENCENAÇÃO
Nullo Facchini

CLASSIFICAÇÃO
M12

DURAÇÃO
70Min

Neste clássico da comédia, criado em 1992, Paolo Nani explora a mesma história, recriando-a de 15 formas completamente diferentes. Em primeiro lugar, representa uma cena "normal" com uma série de acções "normais". Durante esta cena "normal" não se passa nada de especial: um homem entra em cena, bebe qualquer coisa, cospe porque não sabe o que é, escreve uma carta e, ao descobrir que a caneta não tinha tinta, afasta-se aborrecido.

Estas poucas acções tornam-se muito complicadas quando Paolo Nani recria a mesma histórias de maneiras distintas: rebobinando a acção, com Surpresa, Sem Mãos, com Terror, como no Circo, com Magia, muito Bêbado, ao estilo Western, como num Filme Mudo, etc., etc.

Todas as variações têm uma coisa em comum: nunca se diz uma palavra e o resultado é absolutamente hilariante.

"A Carta" é um exercício de estilo com um timing cómico perfeito e gags muito originais que funcionam completamente desde o princípio ao fim do espectáculo. Durante a representação de "A Carta" não há dois minutos sem gargalhadas e o contacto entre o actor e o público vai crescendo em loucura e cumplicidade.

A precisão extrema da linguagem corporal, o timing e as acrobacias faciais de Paolo Nani durante "A Carta" tornam inúteis as palavras durante os 70 minutos de duração do espectáculo

A Visita
Teatro Invisível

16 Junho. 5ª feira
21.30h - **Sociedade Recreativa S. Teotoniense** S. Teotónio

17 Junho. 6ª feira
21.30h - **Cineteatro Camacho Costa** Odemira

18 Junho. Sábado
22.00h - **ESPAM** V.N. Santo André

23 Junho. Sábado
21.30h - **Cine Granadeiro** Grândola

A Visita «é uma co-produção com o Teatro Invisível (de Lisboa), no seguimento de parcerias e residências artísticas promovidas pelo CCPL. Um espectáculo construído com linguagem teatral experimental, que tem como base dramatúrgica os elementos da tradição rural, o resgate de costumes, tradições e falares, o universo poético do popular, transportado para a ficção do teatro numa linguagem contemporânea. O imaginário de um homem esquecido numa aldeia de Portugal, interpretado pelo actor Pedro Giestas. A história imaginada de um "António", sobrevivente numa aldeia deserta. A memória desse António, testemunho do vazio. António abandonado, aquele que ficou esquecido. A terra deserta, a tradição deserta. A identidade esquecida. "António", mesmo sem ser explícito, denuncia a perda da nossa identidade cultural, no conflito entre a tradição e a modernidade. António é feito de memórias, sonhos, saudade, raiva e vontade. A luta patética que trava com o invisível da própria vida, a comédia e a loucura da sua resistência, são os principais condimentos utilizados na construção deste espectáculo».

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO E ENCENAÇÃO
Moncho Rodriguez

INTERPRETAÇÃO
Pedro Giestas

MÚSICA
Narciso Fernandes

ILUMINAÇÃO E SOM
Joana Veloso, Ramon Barreto, Cândido Miranda

FIGURINOS
Marília Martins, Lurdes Dourado

CENÁRIOS E ADEREÇOS
Lino Gonçalves, Luís Direito, Bruno Cunha – Equipa do CCPL

PROGRAMAÇÃO
Joana Veloso

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Paulo Reis

CO-PRODUÇÃO
Teatro Invisível

PRODUÇÃO
Centro de Criatividade da Póvoa de Lanhoso

CLASSIFICAÇÃO
M12

DURAÇÃO
75 Min

Sobre o espectáculo

Quando um homem do campo, carregado de memórias, caminha solto no espaço, os seus pés de barro misturam-se com os dedos que se cavaram na terra. A harmonia é dissonante, no equilíbrio ele parece cambalear, como se fosse voar. Como marinheiro sem mar. A melodia desse movimento encontra o compasso no tropeço, como um corpo suspenso, que procura o gesto para sintetizar a ideia que se perde no meio da palavra. O ritmo determina o seu andamento pela ansiedade e a respiração queima o ar.

O texto serve apenas como ferramenta para uma construção ou desconstrução de qualquer lógica naturalista. O texto vai ao encontro da poética das sonoridades mais rurais.

Que espera este homem? Que podem esperar os homens? Que se pode esperar encontrar dentro das invenções que se reinventam para acreditar que se vive... Ou não se vive.

As aldeias morrem, de gentes, de bichos, e depois, de memórias que se escondem no vazio onde dorme a essência daquilo que somos e não somos.

Um homem dentro da mais absoluta solidão de uma aldeia de Portugal, igual a todas as aldeias onde já ninguém vive, nessa aldeia vazia de gente, só um ser inventado, pode contar, ou inventar histórias que talvez, nunca existiram.

As aldeias... Realidade abandonada à própria sorte... Realidade perdida... Desconexa. Mítica paisagem que a todos parece envergonhar e que todos procuram ignorar, desconhecendo que mesmo desertas elas existem, mesmo sem habitantes, elas resistem, mesmo sem existirem, elas teimosamente resistem... Lugar para onde não se volta mais.

Variações à Beira de um Lago

Teatro dos Aloés

19 Junho. Domingo

22.00h - **ESPAM** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO
David Mamet

TRADUÇÃO
Carlos Pimenta

ENCENAÇÃO
Jorge Silva

INTERPRETAÇÃO
José Peixoto e Victor Santos

CENOGRAFIA E FIGURINOS
Teresa Varela

MÚSICA
Filipe Melo

DESENHO DE LUZ
Tasso Adamopoulos

SONOPLASTIA
Pedro Carvalho

FOTOGRAFIA
José Frade

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Joana Ferreira

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Daniela Sampaio

PRODUÇÃO
Teatro dos Aloés

CLASSIFICAÇÃO
M12

DURAÇÃO
60 Min

Dois homens, sentados num banco num parque, observam patos e falam sobre eles. Não sabem muito do assunto e rapidamente a conversa evolui para outros temas que os inquietam: a natureza, o amor, o sexo, a solidão, a vida e a morte. Usando a metáfora dos patos ultrapassam a falha de comunicação entre eles e a conversa flui, atingindo momentos de comicidade, que fazem desta peça "simples" de David Mamet uma grande obra sobre a Condição Humana.

David Mamet

Dramaturgo, argumentista e realizador norte-americano, David Mamet Weisz nasceu em Chicago, a 30 de Novembro de 1947. Licenciou-se em literatura na Goddard College de Vermont, onde foi artista residente no início dos anos 70. Estudou na Neighbourhood Playhouse School of Theater de Nova Iorque.

Muitas das suas obras foram estreadas pela Saint Nicholas Theater Company, de Chicago, da qual foi membro fundador e director artístico.

As primeiras obras de Mamet, Duck Variations (Variações à beira de um Lago, 1971) e Sexual Perversity in Chicago (1974) foram apresentadas no Off-Broadway em 1975 e trouxeram-lhe reputação de escritor do "novo realismo". Nelas já se nota o ritmo acelerado do seu estilo onde o espectador tem que "adivinhar" os contextos das cenas.

O teatro de Mamet caracteriza-se pelo uso de uma linguagem coloquial que serve para fugir das abordagens puramente realistas. As personagens são normalmente "pessoas comuns" ou marginalizadas. O seu estilo dramático reflecte o comportamento incoerente e violento da classe média baixa. Poético, repetitivamente escatológico, comicamente fragmentado e por vezes chocante, a forma como Mamet escreve tem feito com que seja frequentemente comparado a Ernest Hemingway, Samuel Beckett e Harold Pinter.

Mamet interessou-se também pela televisão, em primeiro lugar e posteriormente pelo cinema, tendo escrito e dirigido alguns filmes que receberam o elogio da crítica.

Não é a primeira vez que o Teatro dos Aloés apresenta textos de David Mamet. Com o espectáculo BLUE, que estreou em 2009, deram a conhecer os primeiros textos de um autor "ainda" a dar os primeiros passos, mas onde se podia desde logo notar uma escrita original, sobretudo na construção dos diálogos.

Essa enorme capacidade de reproduzir a linguagem quotidiana com humor e minúcia através de diálogos curtos, onde por vezes é contraditório o que se pensa e o que se diz, as indecisões, as incoerências, os silêncios, a falta de comunicação que caracteriza sobretudo quem vive nas grandes cidades, faz com que o teatro de David Mamet continue sempre actual.

Intimidades

Companhia da Esquina

24 Junho. 6ª feira

22.00h - **ESPAM** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

DRAMATURGIA E DIRECÇÃO DE PROJECTO
Joana Furtado e Jorge Gomes Ribeiro

ENCENAÇÃO
Jorge Gomes Ribeiro

CENOGRAFIA
Jorge Gomes Ribeiro

ELENCO
Alda Gomes, André Nunes, Inês Patrício, Quimbé e Sofia Nicholson

SONOPLASTIA
Nuno Lacerda

FIGURINOS
Rita Fernandes

DESIGN GRÁFICO
João Afonso

WEB-DESIGN E MULTIMÉDIA
Margarida Fernandes

PRODUÇÃO
Joana Rodrigues e Quimbé

COMUNICAÇÃO
Rita Fernandes

CLASSIFICAÇÃO
M16

DURAÇÃO
75 Min

O fenómeno da infidelidade e as reflexões e neuroses da escrita de Woody Allen refletidas num brilhante espectáculo de comédia. Dois casais e uma amante que são produto da má comunicação, da insatisfação e das aspirações deste mundo cada vez mais moderno. Um tipo de relação histérica que procura um sentido de vida, uma sustentação de uma existência cada vez mais precária nas relações, na idade da infidelidade e numa ideia primária de vulgarização de relações sociais, da vida, da morte e do amor.

Afinal qual a origem do amor? E há quanto tempo anda às voltas? E onde é que está a ciência ou a psicologia quando alguém pensa nos enigmas eternos? O amor começou com uma explosão ou com a palavra de Deus? Se foi com a palavra de Deus, será que foi sussurrada ou com um grito que ecoou até ao infinito do Cosmos? Só pode ter sido um grito...!!

A companhia

A Companhia da Esquina surgiu em 2003, quando um grupo de actores se juntou depois de uma formação no Teatro da Trindade. Na altura, esse grupo, formado por Jorge Gomes Ribeiro, pelo Sérgio Moura Afonso, o Quimbé, a Rita Fernandes, a Rita Cruz, o Ruben Santos e o Pedro Martinho, decidiu que se devia dar continuidade às ideias que todos tinham, também continuar juntos e investir no texto dramático. Foi uma boa aposta. Neste momento, a Companhia da Esquina, através das suas produções, apresentou- se já nos principais Teatros do país e os elementos iniciais que sairam têm também projectos profissionais consolidados. Se nada acontecer de extraordinário no Mundo ou a Península Ibérica não se descolar de repente do continente europeu existem boas perspectivas para continuar.

Gente Muito Perto

CASEAR

23 Junho. 5ª feira

21.30h - **Teatro Municipal de Faro** Faro

24Junho. 6ª feira

22.00h - **Auditório do Centro de Artes** Sines

25 Junho. Sábado

22.00h - **ESPAM** V.N. Santo André

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

ENCENAÇÃO
Sofia Cabrita

INTERPRETAÇÃO
Ana Sofia Paiva e Nuno Nunes

CONCEPÇÃO PLÁSTICA
Sara Franqueira

DESENHO DE LUZ
Paulo Santos

MÁSCARAS
Matteo Destro

PRODUÇÃO
Daniela Sampaio e Susana António

APOIO À PRODUÇÃO
Background

DESIGN GRÁFICO
Illusive

FOTOGRAFIAS DO PROGRAMA
Joana Saboeiro

APOIO
Fundação Calouste Gulbenkian

CLASSIFICAÇÃO
M12

DURAÇÃO
75 Min

Gente Muito Perto é um espectáculo de teatro construído a partir da ideia de casal.

Publicámos um anúncio nos Classificados de vários jornais nacionais, à procura de histórias de casais e ouvimos quem nos quis contar o que aconteceu quando decidiram ficar muito perto de alguém. Convidámos casais para dar opiniões e partilhar experiências, participando no processo criativo. Trocámos fotografias de (des)amor. Procurámos, convidámos e trocámos. Quisemos o encontro para descobrir o que se lhe segue. Esta é mais uma criação da Casear, em que o processo assenta numa documentação longa e em que a mesma é, mais do que em qualquer outro trabalho anterior, parte integrante do espectáculo. Num jogo de (des)mascaramento literal, uma personagem-casal procura descobrir como se desenrola uma vida a dois, vendo essa vida multiplicada pelas histórias que nos contaram, pelas possibilidades infinitas que nos apareceram de uma conversa, um toque, uma pergunta, uma discussão, um olhar, um objecto. Como se, entre dois, vivessem tantos outros e outras. Contas feitas, um + um é = a mais do que dois.

A companhia

A CASEAR, Criação de Documentos Teatrais é um colectivo de profissionais das artes performativas, caracterizado pela criação teatral assente nas linguagens do gesto, máscaras e objetos. Os espectáculos são escritos e montados a partir de experiências dos elementos da equipa artística numa determinada realidade / lugar/acontecimento. Procuramos as histórias que não estão escritas e reescrevemo-las, comprometidos com a ficção de um documento teatral. Trabalhamos colaborativamente, criando de raiz e em conjunto todos os elementos constituintes de um espectáculo.

Com "Aniñando" (2007-2013), "Bi e Dão" (2009-2011) e "Entre Laços" (2013), a companhia esteve presente em vários Teatros e Festivais, entre os quais a Mostra Internacional de Teatro de Santo André.

Josefina

Academia INATEL

26 Junho. Domingo

22.00h - **Auditório Municipal António Chainho** Santiago do Cacém

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO E ENCENAÇÃO
Claudio Hochman

INTÉRPETES
Telma Pereira, Paulo André, Bruno Gonçalves, Gonçalo Beja, João Araújo, Açexandra Silva, Catarina Silva, Inês Gaboleiro, Mariana Ribeiro, Margarida Gaspar, Milai Guimarães

MÚSICA ORIGINAL
Carlos Garcia

COREOGRAFIA
Bruno Cochat

CENOGRAFIA E GUARDA-ROUPA
Rocio Matosas

LETRAS DE CANÇÕES
alunos da Academia com a ajuda de Tiago Torres da Silva

CLASSIFICAÇÃO
M12

DURAÇÃO
75 Min

Josefina é um espectáculo musical para todo o público.

Josefina tem um avô que lhe ensina provérbios, uma mãe independente e um pai despenteado.

Com eles aprende muitas coisas, mas foram os provérbios do avô que lhe marcaram a vida.

Contaremos a história de Josefina desde antes do seu nacimento até... Não convém contar o final das histórias!

Este espectáculo é produto dum ano de trabalho dos alunos do Curso de Teatro Musical da Academia Inatel.

Partimos do texto teatral, que já foi encenado em Esoaña, Mexico e Argentina, mas transformamo-lo num musical. Os alunos escreveram as letras das canções e propuseram melodias para Carlos Garcia fazer as músicas.

A companhia

A Fundação INATEL iniciou a 1 de Março de 2014, como projeto, a Academia INATEL. Este projeto de âmbito formativo foi criado com o intuito de desenvolver formação externa de âmbito profissional ou com valia acrescida nas áreas de intervenção da INATEL, designadamente na Cultura (Artesanato e Artes e Espetáculo), Turismo (Turismo e Lazer e Hotelaria e Restauração), Desporto e Informática na Ótica do Utilizador. Um dos primeiros Cursos da Academia foi o Curso de Teatro Musical – Formação de Atores. A primeira edição iniciou com 16 formandos, 2 deles bolseiros da Fundação INATEL / GDA. Este Curso de 4440h de formação e duração de 9 meses, tem como objetivo dotar os formandos de técnicas básicas do teatro musical, dança, canto e teatro, contando com um elenco de formadores como Claudio Hochman, Bruno Cochat, Rui Baeta, Armando Possante, Catarina Santos, Filipa Francisco, Silvia Real, Margarida Encarnação e Paulo Carrilho.

A Balada do Velho Marinheiro

Teatro do Mar

3 Julho. Domingo

22.00h - **Quinta do Chafariz** Santiago do Cacém

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA
Steve Johnston

INTERPRETAÇÃO
Carlos Campos, Luís João Mosteias, Sandra Santos e Sérgio Vieira

FIGURINOS E ADEREÇOS
Sandra Santos

FORMAS ANIMADAS
Pedro Domingues Leal

ESPAÇO CÉNICO/CONCEITO
Julieta Aurora Santos

DESENHO DE CENOGRAFIA E CONSTRUÇÃO
Luís Santos

EXECUÇÃO PLÁSTICA
Teatro do Mar com a colaboração de Adriana Freitas, Eduardo Cardoso e Joana Mira

OPERAÇÃO DE SOM E DESENHO DE LUZ
Luís Santos

OPERAÇÃO DE LUZ
Natasha Bulha Costa

MÚSICA E SONOPLASTIA
Steve Johnston (Participação Especial de Elisa Galvão - voz)

PRODUÇÃO EXECUTIVA E PROMOÇÃO
Natasha Bulha Costa

SECRETARIADO E ADMINISTRAÇÃO
Sónia Custódio

PRODUÇÃO
Contra-Regra, Associação de Animação Cultural

CLASSIFICAÇÃO
TODOS

DURAÇÃO
50 Min

Um marinheiro mata um albatroz que ajudou o seu barco a sair de uma intempérie. Devido à insensatez do seu ato, é vítima de uma maldição. Um a um, toda a tripulação morre, restando apenas o marinheiro que, apesar de todas as contrariedades, acaba por chegar a terra. Como pena por ter morto o pássaro, é forçado a andar pelo mundo para contar a sua história, consumido por uma angústia que o impele a relatar o seu crime e a ensinar o amor por todas as criaturas.

Inspirado na obra "The Rime of the Ancient Mariner" do poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) e nas ilustrações de Paul Gustave Doré (1832 — 1883). Considerada como "devaneio" romântico, por se situar num território entre a realidade e o sonho, esta obra perspectiva uma dialética "homem e natureza", assente numa extrema visualidade e universalidade.

Teatro de rua para toda a família com recurso a andas e formas animadas (marionetas de grande porte).

Animações

4 Junho. Sábado
ESPAM. V. N. Santo André

5 Junho. Domingo
Auditório Municipal António Chainho. Santiago do Cacém

SetSax Group

O SetSax Group engloba dois projectos distintos – Quarteto de Saxofones e Ensemble.
O Quarteto de Saxofones surgiu em Setembro de 2003, no Conservatório Regional de Setúbal (CRS), sob a orientação do Professor Pedro Rego.
Composto por alunos da Classe de Saxofone, o Quarteto tem por objectivo a realização de Música de Câmara interpretando um vasto repertório da literatura musical do Saxofone, desde transcrições de música erudita à música contemporânea.
O Ensemble de Saxofones surge em Setembro de 2012, com a necessidade de interpretar um repertório mais vasto e com instrumentação mais alargada, permitindo uma maior flexibilidade no que concerne aos arranjos para este instrumento.
Constituição: Prof. Pedro Rego, Rita Fernandes, Daniel Pinheiro, Artur Seabra, Diogo Brás, Rebeca Gomes, Beatriz Silva, Catarina Lopes, Filipe Azevedo

10 Junho. 6ª feira
Auditório Municipal António Chainho. Santiago do Cacém

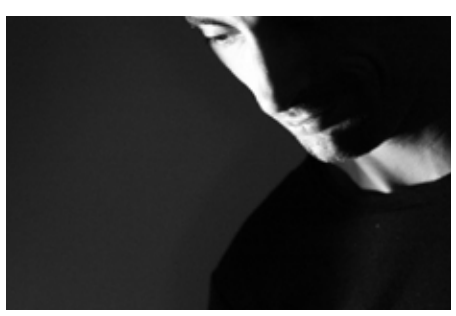
Escola de guitarra portuguesa mestre António Chainho

A Escola da Guitarra Portuguesa Mestre António Chainho da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, implementada desde Abril de 2005, proporciona a aprendizagem da guitarra portuguesa numa comunidade com tradições enraizadas que levaram à produção de músicos conhecidos nacional e internacionalmente e simultaneamente presta homenagem ao Mestre da Guitarra Portuguesa – António Chainho, natural do concelho de Santiago do Cacém.
Esta escola pretende contribuir para o desenvolvimento de uma política cultural de fomento da música – formação, dinamização e criação de público ouvinte.

11 Junho. Sábado
ESPAM. V. N. Santo André

Pedrinho Dubstep

Aos 11 anos vi, pela primeira vez, um vídeo de dança e encontrei a minha maior paixão. Defini, nesse mesmo dia, que iria ser professor de dança. Criei o meu primeiro grupo de dança em Cabo Verde, com 12 elementos, que me ajudaram a desenvolver uma nova técnica corporal, onde o poppin se encontra com dubstep e o ritmo caboverdiano casa com a eletrónica. Mais tarde, vim para Portugal onde persegui o meu sonho. Criei um novo grupo de dança, participei em vários projetos sociais, onde a dança foi levada a jovens de alto risco e a bairros sociais, ganhei o primeiro lugar do concurso "Dance On" produzido pela Associação Consciência Jovem em 2014. Desde aí, tenho tido espetáculos em Portugal e França. Neste momento, procuro formações, inovações e novas experiências.



12 Junho. Domingo
ESPAM. V. N. Santo André

Olive Gorge

Jorge Oliveira inicia o trabalho como técnico em teatro ainda no liceu, no GATO SA.
Forma-se em Som na ETIC em 1999, adquirindo competências técnicas no domínio do áudio. É como sonoplasta e na área da pós-produção que desenvolve a sua carreira, tendo colaborado com várias produtoras. Participou em diferentes projectos audiovisuais que vão desde a sonorização de filmes para cinema, anúncios, séries, telenovelas, espectáculos, além da criação de bandas sonoras para teatro, cinema e instalações.
Este ano a proposta é uma sessão de música electrónica improvisada. São ambientes sonoros criados através do processamento digital do som, acompanhados de ritmos lentos, mas inspirados nas pistas de dança.

17 Junho. 6ª feira
ESPAM. V. N. Santo André

Alexandre Pintassilgo

Nascido entre o mar e a serra, Alexandre Pintassilgo é um cantautor popular alentejano que oferece uma exploração musical pela lusofonia (ou world music), com uma abordagem marcadamente de fusão, que combina sonoridades tradicionais portuguesas, do Norte ao Sul, com ritmos afro-americanos numa diversidade de texturas e contrastes que se estendem do cante alentejano ao samba, muito bem servido pelo seu bando multi-instrumental de cinco músicos.
A energia, a mensagem, a presença e a disponibilidade para a interação com o público são as marcas do espetáculo do Pintassilgo, um espaço de celebração descontraído, recheado de surpresas e emoções fortes.

18 Junho. Sábado
ESPAM. V. N. Santo André

19 Junho. Domingo
Auditório Municipal António Chainho. Santiago do Cacém

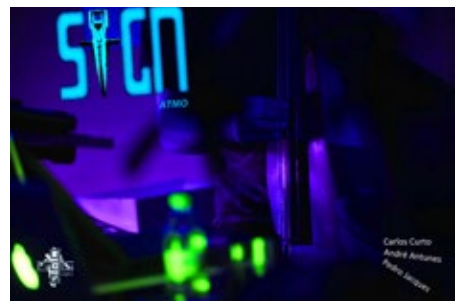
Os Baldoregas

"Os Baldoregas" são um grupo de jovens com grande paixão pelo Cante Alentejano com vocalidades excelentes. Cantam o cante do nosso Alentejo, transmitindo paixão com uma vontade permanente de querer aprender mais e melhor.
O Grupo é constituído por 12 elementos, com idades entre os dezassete e os vinte e cinco anos, oriundos de várias localidades do Concelho de Santiago do Cacém.
Ensaiam semanalmente em Santo André.
Fazem parte da AGACAVOALTE - Associação Grupo À Cante Alentejano Vozes Além'Tejo de Vila Nova de Santo André e são ensaiados por Adelaide Lemos, ensaiadora também dum Grupo de cante Alentejano feminino.

19 Junho. Domingo
ESPAM. V. N. Santo André

Joana Luz e Carlos Silva

Joana Luz é natural de Vila Nova de Milfontes. Apaixonou-se pelo fado ainda muito nova, começando a cantar acompanhada por Carlos Silva e Tiago Santos. Com apenas 14 anos, venceu a 55ª Grande Noite do Fado, na Aula Magna, em Lisboa. Tem participado em vários programas de televisão e conta já com inúmeras atuações, em Portugal e no estrangeiro.
Mais recentemente aventurou-se por novos caminhos. Um projeto onde se fundem o fado e a morna foi a primeira experiência. Depois foi a vez de a bossa nova receber a "visita" do fado. Novamente com o guitarrista Carlos Silva, Joana Luz cria um espetáculo intimista, onde os dois géneros convivem de forma harmoniosa e onde por vezes aparecem nuances de outros géneros musicais. É um excerto deste último projeto, o Fado e a Bossa Nova que apresentamos na MITSA.



24 Junho. 6ª feira
ESPAM. V. N. Santo André

Projecto SIGN

Carlos Curto | André Antunes | Pedro Jaques
O acto criativo, espontâneo e improvisado tem como suporte uma estrutura pré-determinada, também ela alterável se o live act assim o conduzir.
Questionando o conceito normalizado de "tema", cada acto vive sob uma temática sensorial. E este é o objectivo primordial – provocar sensações - transmitir um reconhecimento emocional.
Procuramos nesta fórmula incorporar princípios Sensacionistas fundamentais em SIGN:
1 - Todo o objecto é sensação nossa.
2 - Toda a arte é a conversão duma sensação em objecto.
3 - Portanto toda a arte é a conversão duma sensação numa outra sensação.
Fernando Pessoa - Páginas sobre literatura e estética

25 Junho. Sábado

ESPAM. V. N. Santo André

Coração-Tripas

Projecto fundado em 2015 por um actor e um músico exilados numa aldeia do Alentejo Litoral. Coração-Tripas mistura palavras e guitarra, declamação e sons, Literatura e Música; ora gritando, ora sussurrando. Parte de Poesia e textos marcantes de autores lusófonos e junta-lhes temas originais e uma interpretação própria, transpondo-os para um universo onde se tornam canções simples ou ponto de partida para viagens musicais mais experimentais.
Nuno Góis estreou-se profissionalmente como Actor em Junho de 1997. Trabalha como Actor, Performer, Encenador, Formador e Produtor. Colaborou com diversos Encenadores e Companhias de Teatro.
João Veiga é designer e músico. Esteve desde sempre envolvido em projectos relacionados com música, seja como membro de bandas, compositor, letrista ou formador. Participou em Festivais e eventos, a solo ou em grupo, e tocou em vários palcos.

26 Junho. Domingo

Auditório Municipal António Chainho. Santiago do Cacém

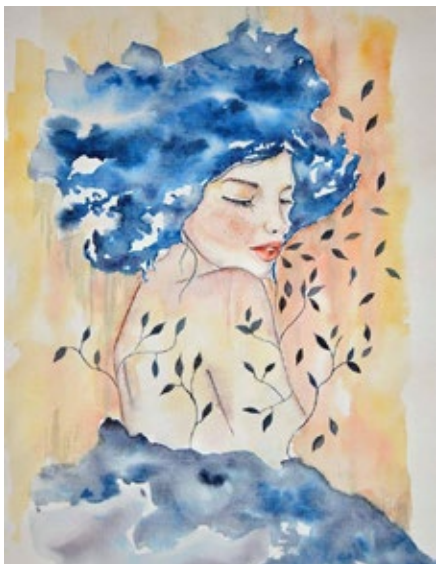
Coral Harmonia

Nascido na Sociedade Harmonia em 1933, o Coral representa hoje uma das actividades culturais desta Sociedade, fundada em 1847.
Do seu currículo constam concertos por todo o território nacional, bem como internacionalizações a Espanha, Itália e França. Participou também em programas de televisão e de rádio. Todos os anos por altura do Natal estreia um espectáculo temático, com a música coral como protagonista, mas também com cor, luz e encenação.
Actualmente é dirigido pela maestrina Ana Rita Candeias e conta com cerca de 25 elementos.

Exposições

"This must be the place!"
de Ana Reis

ESPAM Vila Nova de Santo André



Ana Reis, de nacionalidade portuguesa, nasceu em 1980 em Faro. Cresceu no Alentejo onde teve o primeiro contacto com as artes, nomeadamente teatro e guitarra clássica. Em 1998 vem para Lisboa onde estudou na escola António Arroio no curso de Ourivesaria e Metais. Nesse mesmo período, como autodidata, começou a explorar a técnica de aguarela, exibindo e vendendo nas mais conhecidas ruas de Lisboa. Mais tarde frequentou uma formação em olaria, enquanto continuava a executar aguarelas retratando a grande Lisboa. Após um período de pausa, retomou a pintura, em 2015, começando por um workshop de aguarela abstrata no Nexart, o que a levou agarrar novamente a sua grande paixão, a aguarela.

A pintora vive a arte por intuição. Ela é inspirada por aquilo a que chama "experiências de vida". O que ela pinta é uma transposição dos seus próprios sentimentos no tempo e espaço. Ela convida as pessoas a entrarem na sua "arte"... a sentir e a experienciar o momento e espaço específicos ... na sua mente.
É com grande satisfação, na qualidade de ex. aluna da Escola Padre António Macedo e de ex elemento do grupo de teatro Gato SA, que aceitou este convite e desafio, para uma pequena mostra de alguns trabalhos que fazem parte uma exposição que tem vindo a apresentar.
Depois de mais de 20 anos, voltar a casa, numa simples mancha aguarelada, é como traçar uma viagem pelos momentos do lugar que a viu crescer.

"This must be the place!
É o lugar entre o sonho e a realidade. Onde as mensagens são entregues pela brisa das sensações e das pulsações. Aqui cada um pode flutuar dentro e fora de si. Dividir o espaço e criar uma história. Se viajar é estar à procura do lar, este é o meu lugar! Onde gentilmente colhi as minhas pérolas de adrenalina, nutri sentimentos complexos e abstratos, e joguei tinta sobre o rosto, fazendo despertar os versos do sonho daquela menina.
This must be the place!
É parar em frente à transparência do oceano das cores e poder voltar a amar."

Ana Reis

Workshop

"A construção da cena" de Paolo Nani

18 de Junho
10.00h - 13.00h
14.30h - 17.30h

C.A.P.A.G.
Vila Nova de Santo André

Inscrições na Teatroteca

Carga horária
6 horas

Informações
269759096 - geral@gatosa.com

Formador: **Paolo Nani**

Primeira parte - Aquecimento

- Elementos de dança, coreografia e exercícios que retêm ou expandem o "eu" habitual.
- Intenções, estudo do mundo interno do ator. O que podemos ler nos olhos. Como tornar-se "transparente" até ao mais pequeno detalhe.

Segunda parte - Estudo das regras

- O jogo dramatúrgico: estudo dos jogos teatrais, improvisações e jogos para descobrir as regras invisíveis de uma boa cena.
- O Tempo dramático: estudo de ferramentas que ajudam a controlar o ritmo da cena.
- O Estilo: Criar novos géneros misturando estilos existentes.

Terceira Parte - O Processo Criativo

- O que me inspira? Como posso traduzir isso em cena? Treinar a capacidade de construir situações que têm uma dramaturgia clara e um estilo preciso. Correspondência de tempo e de ritmo de acordo com a situação que se quer contar.

Programa

1 de Junho. 4ª Feira
CAPAG. V.N. Santo André

9.30h e 11.00h – ***A Lenda do Menino da Gralha*** | **Teatro do Mar**

2 de Junho. 5ª Feira
Auditório Municipal António Chainho
Santiago do Cacém

10.00h, 11.30h e 14.30h – ***Smile*** | **BAAL 17**

3 de Junho – 6ª Feira
ESPAM. V.N. Santo André

11.00h e 14.30h – ***Smile*** | **BAAL 17**

Adro da Igreja de Santa Maria
V.N. Santo André

22.00h – ***Insekto*** | **Teatro do Mar**

4 de Junho – Sábado
ESPAM. V.N. Santo André

21.30h – SETSAX

22.00h – ***Faz Escuro nos Olhos*** | **Teatro GRIOT**

Auditório do Centro de Artes. Sines

22.00h – ***Les Rois Fainéants*** | **Cia COCOTTE**

5 de Junho. Domingo
Auditório Municipal António Chainho.
Santiago do Cacém

21.30h – SETSAX

22.00h – ***Les Rois Fainéants*** | **Cia COCOTTE**

9 de Junho. 5ª Feira
Praça Marquês de Pombal. Porto Covo

21.30h – ***Uma Menina Bem Guardada*** | **BAAL17**

10 de Junho. 6ª Feira
Auditório Municipal António Chainho.
Santiago do Cacém

21.30h – Ensemble de Guitarras

22.00h – ***O Último dos Românticos*** | **COMUNA**

Cine Granadeiro. Grândola

21.30h – ***Nevoeiro Adentro*** | **PLOT Teatro**

Alvalade do Sado

21.30h – ***Uma Menina Bem Guardada*** | **BAAL17**

11 de Junho. Sábado
ESPAM. V.N. Santo André

21.30h – PEDRINHO DUBSTEP

22.00h – ***O Homúnculo*** | **Fontenova**

Auditório do Centro de Artes. Sines

22.00h – ***O Último dos Românticos*** | **COMUNA**

12 de Junho. Domingo
ESPAM. V.N. Santo André

21.30h – Olive Gorge

22.00h – ***Nevoeiro Adentro*** | **PLOT Teatro**

16 de Junho. 5ª Feira
Sociedade R. S. Teotoniense. S. Teotónio

21:30h – ***A Visita*** | **Teatro Invisível**

Teatro Municipal de Faro. Faro

21:30h – ***A Carta*** | **Paolo Nani**

17 de Junho. 6ª Feira
ESPAM. V.N. Santo André

21.30h – ALEXANDRE PINTASSILGO

22.00h – ***A Carta*** | **Paolo Nani**

Cineteatro Camacho Costa. Odemira

21:30h – ***A Visita*** | **Teatro Invisível**

18 de Junho. Sábado
ESPAM. V.N. Santo André

21.30h – BALDOREGAS

22.00h – ***A Visita*** | **Teatro Invisível**

V.N. Milfontes

21.30h – ***Uma Menina Bem Guardada*** | **BALL17**

Auditório do Centro de Artes. Sines

22.00h – ***A Carta*** | **Paolo Nani**

19 de Junho. Domingo
ESPAM. V.N. Santo André

21.30h – JOANA LUZ E CARLOS SILVAS

22.00h – ***Variações à Beira de Um Lago*** | **Teatro dos Aloés**

19 de Junho. Domingo
Auditório Municipal António Chainho.
Santiago do Cacém

21.30h – BALDOREGAS

22.00h – ***A Carta*** | **Paolo Nani**

22 de Junho. 4ª Feira
Cine-Teatro Pax Julia. Beja

21.30h – ***O Último dos Românticos*** | **COMUNA**

23 de Junho. 5ª Feira
Teatro Municipal de Faro. Faro

21.30h – ***Gente Muito Perto*** | **CASEAR**

Cine Granadeiro. Grândola

21:30h – ***A Visita*** | **Teatro Invisível**

24 de Junho. 6ª Feira
ESPAM. V.N. Santo André

21.30h – SIGN

22.00h – ***Intimidades*** | **Companhia da Esquina**

Auditório do Centro de Artes. Sines

22.00h – ***Gente Muito Perto*** | **CASEAR**

25 de Junho. Sábado
ESPAM. V.N. Santo André

21.30h – CORAÇÃO-TRIPAS

22.00h – ***Gente Muito Perto*** | **CASEAR**

Fórum Municipal Luísa Todi. Setúbal

21.30h – ***O Último dos Românticos*** | **COMUNA**

26 de Junho. Domingo
Auditório Municipal António Chainho.
Santiago do Cacém

21.30h – CORAL HARMONIA

22.00h – ***Josefina*** | **Academia INATEL**

3 de Julho. Domingo
Quinta do Chafariz. Santiago do Cacém

22.00h – ***A Balada do Velho Marinheiro*** | **Teatro do Mar**